



ESTUDO METODOLÓGICO DE RELATOS CIENTÍFICOS E DE VIAGEM NO ILUMINISMO PORTUGUÊS: DOIS VIAJANTES PELO SERTÃO NORDESTINO

Tiago Bonato
CEDOPE/UFPR - PIBIC/CNPq

RESUMO: Este trabalho pretende analisar de que forma os viajantes portugueses iluministas da segunda metade do século XVIII, e os estrangeiros que viajaram no início do século XIX, já com uma mentalidade romântica, representaram o sertão brasileiro nos seus diários de viagem; mostrar as diferenças e semelhanças desses dois momentos e de que forma a idéia de sertão foi surgindo a partir das narrativas de viagem.

Palavras-chave: viagens filosóficas, ciência no Brasil colônia, sertão nordestino

ABSTRACT: This paper purposes to analyse how the portuguese travelers of Enlightenment, in the second half of 18th century, and also the foreigners who traveled in the begining of 19th century, with a romantic mind, represented the brazilian sertão in their journals; show the differences and similarities of these two moments and how the idea of sertão has appeared from those narratives of the travels.

Keywords: philosophical travels, science of Brazil colony, northeast sertão

No que diz respeito ao universo colonial português, o século XVIII caracterizou-se pelo esforço de estabelecer a exploração científica dos espaços ultramarinos. No intuito de conhecer mais detalhadamente as colônias, uma série de expedições foi organizada pela Coroa com a finalidade de observar e analisar empiricamente as potencialidades dos seus domínios. As viagens filosóficas – como ficaram conhecidas as expedições – que partiram de Portugal para suas colônias estão inseridas em um conjunto mais amplo que atinge praticamente toda a Europa no século XVIII. Estudar as mudanças que ocorreram nos planos teóricos e práticos durante esse processo é perceber um aumento significativo da importância do prático, do empírico, do racional, do objetivo em depreciação ao subjetivo e – por que não – religioso, metafísico e mesmo da matemática pura. Muitos homens das ciências faziam e trocavam experiências que seriam marcadamente significativas para a humanidade. Dentro desse bojo de novos interesses, as ciências naturais – com todos os mistérios de origem e funcionamento da natureza, suas leis e conseqüências – ganharam espaço. “A ciência seria a da natureza; e, com efeito, a história natural foi posta em primeiro plano, a geometria em segundo.”¹ O fascínio pelas ciências naturais residia no fato de que ela viria de encontro às novas inquietações e vontades: era algo objetivo, que poderia ser estudado a partir da observação empírica e racional e, no mais das vezes, seria algo útil para uma aplicação prática.

O movimento de intelectuais crescia na medida em que novas obras iam sendo lançadas e novas descobertas eram feitas. O campo mais promissor parecia ser mesmo o das ciências naturais com a premissa de estudar os três reinos da natureza: animal, vegetal e mineral. Todos agora observavam mais atentamente e com olhar científico o que antes passava despercebido. O volume de novas espécies que estavam sendo descobertas chegava a ser assustador: “já não era possível contá-las, os números apontados hoje tornar-se-ão falsos amanhã; as pessoas sentem-se como que soterradas por este aluvião incessante”². Esse movimento tinha sentido duplo: ao mesmo tempo em que os homens da ciência eram tomados pelo espírito de observações em lugares distantes e saem de suas províncias, reinos e até continente, descobre-se o saber de laboratório, onde muitos se reúnem para discutir o observado. Muitas discussões são feitas a respeito do qual era o verdadeiro cientista: o que de fato vivia a experiência e saía para observar e coletar espécies ou os que as estudavam mais profundamente nos laboratórios.

1 HAZARD, Paul. O pensamento europeu no século XVIII. Lisboa: Presença, 1989. ppp.127

2 HAZARD, op. cit., pp. 130



E se o novo pensamento espalhou-se por grande parte da Europa ele chegou também a Portugal, com seu grande império ultramarino construído nos séculos anteriores. As novas potências européias, porém, iam despontando – notadamente Inglaterra, França e Holanda – e o grande império estava em crise, econômica e militarmente, correndo risco de perder seus domínios, e ainda diplomaticamente com a escravidão de suas colônias sendo discutida e criticada pelos intelectuais europeus. Uma figura importante do Iluminismo português e que se destaca na historiografia é o ministro de Dom José I, Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal³. Seguindo os ideais iluministas, uma série de reformas foram levadas a cabo pelo ministro. Dentre elas, a reforma educacional, onde se insere a reforma da Universidade de Coimbra é de suma importância para esse trabalho. A reforma trouxe a implementação do curso de história natural e a obrigatoriedade de cursá-lo antes de se iniciar qualquer outro curso ofertado pela Coimbra reformada. Várias políticas foram adotadas no intuito de chamar filhos da elite colonial brasileira – já que nessa época o Brasil era a colônia mais importante – à universidade. Sabendo que a colônia brasileira constituía a melhor parte do Império e receosa de que as idéias revolucionárias que se espalhavam com a independência dos Estados Unidos e eclodiam também pela Europa pudessem contaminar seus “homens bons”⁴, nada mais sensato que educá-los na própria metrópole, vigiando e censurando, de certa forma, suas idéias.

O número de alunos brasileiros em terras portuguesas mostra o sucesso de tais medidas. Entre 1772 e 1822, período limitado pelo início da reforma pombalina no ensino superior e pelo fim o período colonial, 866 brasileiros matricularam-se na Coimbra reformada, grande parte deles optando pela formação naturalista⁵. A participação desses brasileiros é essencial nas viagens promovidas pela coroa. Além da política de cooptação das elites coloniais, PEREIRA⁶ coloca ainda, como motivo da grande participação de naturalistas brasileiros nas viagens, a maior resistência dos brasileiros “às agruras do clima africano” e, conseqüentemente, aos trópicos em geral. O autor diz ainda que para muitos europeus, qualquer cargo administrativo nas colônias era como uma sentença de morte, sendo isto facilmente observado na documentação da época. Esse fato, portanto não deveria passar despercebido pelos “olhares atentos dos altos escalões administrativos”⁷.

A primeira grande viagem filosófica foi planejada pelo italiano Domingos Vandelli em 1778. Vandelli chegara a Portugal na década de 1760, contratado para o Real Colégio dos Nobres, mais um dos projetos de Pombal. O naturalista italiano seria ocuparia as cátedras de História Natural e Química⁸. Vandelli não chegou a lecionar já que o projeto não correspondeu às expectativas e foi fechado anos depois⁹. Vandelli ficou no reino e em 1772 assumiu as mesmas

3 O título de Marquês, entretanto, lhe foi concedido apenas em 1769, quando Pombal contava com 71 anos de idade. É importante ressaltar, porém, que esse título não lhe foi dado como herança, mas como recompensa pelos serviços prestados a Portugal. Dez anos antes, Pombal havia sido nomeado conde de Oeiras – pequena cidade à margem do estuário de Tejo –, onde possuía uma propriedade – esta sim lhe deixada como herança. Construiu em Oeiras, após 1750, uma grande casa de campo com jardins elaborados, vinhas, amoreiras e aquedutos extensos e dispendiosos. MAXWELL, Kenneth. Marquês de Pombal Paradoxo do Iluminismo. São Paulo: Paz & Terra, 1997, pp.2.

4 CRUZ, Ana Lúcia R. B. da. As viagens são os viajantes. Dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. História: Questões & Debates, Curitiba, n.36, pp. 61-98, 2002. Editora UFPR.

5 CRUZ, op. cit., pp.66.

6 PEREIRA, Magnus R. de Mello. Um jovem naturalista num ninho de cobras. A trajetória de João da Silva Feijó em Cabo Verde em finais do século XVIII. História: Questões & Debates, Curitiba, n.36, pp. 29-60, 2002. Editora UFPR.

7 PEREIRA, op.cit., pp.30.

8 A contratação é provada através de uma carta, de 16 de maio de 1764, do cônsul português em Genova, Nicolau Piaggio, em que informa que o portador da mesma é o Doutor Domenico Vandelli que parte para Lisboa com destino ao Real Colégio. CARVALHO, Rômulo de. A História Natural em Portugal no Século XVIII. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

9 O Real Colégio não correspondeu às expectativas de Pombal no que diz respeito ao ensino científico e o ministro mandou encerra-lo em 1772, com apenas seis anos de vida, limitando-o ao ensino das disciplinas humanitárias. CARVALHO, op. cit., pp.49.



cadeiras na Universidade de Coimbra¹⁰, fato que o colocou a frente dos naturalistas. A primeira viagem contaria com um grupo de brasileiros recém formados em Coimbra: Alexandre Rodrigues Ferreira, Manoel Galvão da Silva, Joaquim José da Silva e José da Silva Feijó. Seria realizada uma grande expedição à Amazônia, porém por motivos administrativos¹¹ a viagem foi dividida e os naturalistas mandados para várias partes do império: Alexandre Rodrigues seguiu mesmo para a Amazônia – em uma das mais conhecidas e divulgadas viagens filosóficas – enquanto que Feijó foi para Cabo Verde e os Silva para Angola e Moçambique, respectivamente, onde acumulavam cargos de naturalistas e secretários de estado¹².

Em 1796 assume o cargo de ministro do ultramar – já de D. Maria I – D. Rodrigo de Sousa Coutinho, “incansável homem de projetos e reformas”¹³, que constituiu uma equipe de cientistas que “passaram a se agitar em torno dele”¹⁴. A idéia dos cientistas brasileiros gravitando ao redor do ministro vem de seu grande – e público¹⁵ – interesse pela colônia brasileira e por inúmeros projetos e incentivos dados às pesquisas e explorações no território¹⁶. O ministro colocou em prática uma política de renovação da agricultura e da introdução de novas técnicas rurais¹⁷, além de organizar várias expedições científicas, já com naturalistas formados de uma segunda geração de brasileiros em Coimbra. Hipólito da Costa foi enviado aos Estados Unidos da América, ao mesmo tempo em que o naturalista pernambucano Manuel Arruda da Câmara passa a viajar pelo sertão nordestino. Em outra viagem conhecida, o paulista Francisco José de Lacerda e Almeida procura fazer a travessia da África – entre Angola e Moçambique. Também João da Silva Feijó é incumbido de estabelecer uma produção de salitre – matéria prima da pólvora – no Ceará.

Pelos sertões do Maranhão e Piauí

Apesar do conhecimento dessas viagens e da atenção dada a esse período pela historiografia recente, algumas viagens do período permanecem no esquecimento. É o caso da viagem dos naturalistas Joaquim José Pereira e Vicente Jorge Dias Cabral, enviados por Souza Coutinho a explorar o salitre e a quina do Piauí, árvore com propriedades antifebris nos sertões das capitâneas do Piauí e Maranhão em fins do Setecentos.

Em posse do ofício de 04 de setembro de 1799 enviado pela Coroa portuguesa e dos cem mil réis recebidos como ajuda de custo, o vigário colado da Vila de Valença, Joaquim José Pereira, demorou-se apenas três dias na capital São Luís do Maranhão até iniciar o cumprimento das ordens reais: viajar pelos sertões dessa capitania e da vizinha Piauí. Joaquim, conhecido também como Vigário de Valença, já era conhecedor dos sertões da Capitania do Maranhão, escrevendo, a pedido do ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, uma memória da descrição física e demográfica da

10 Quatro anos antes, Vandelli havia sido encarregado pelo Rei, D. José, de estabelecer um Jardim Botânico junto ao palácio Real da Ajuda, também em Lisboa. CARVALHO, op. cit., pp.49.

11 O próprio Pereira trata dos motivos e da divisão dos viajantes, no texto já citado. (PEREIRA, op. cit., pp.30)

12 O problema do acúmulo de cargos administrativos com tarefas científicas era constante na rede de naturalistas luso-brasileiros mandados às possessões portuguesas. PEREIRA, op.cit., pp.32.

13 DIAS, op. cit., pp.117.

14 DIAS, Maria Odila da Silva. Aspectos da Ilustração no Brasil. Revista do IHGB, vol. 278, pp. 105-170, primeiro trimestre: 1968. (pp. 117)

15 Em um de seus discursos à frente do ministério, D. Rodrigo de Sousa Coutinho deixou claro sua preferência pelo Brasil, que era a parte mais importante do Império, segundo ele. Sendo assim, se fosse para se perder uma parte do Império, deveria ser a metrópole Portugal e não a colônia Brasil.

16 Mais uma vez o trabalho de DIAS, já citado, dá um grande panorama sobre os incentivos e projetos do ministro luso com seus naturalistas e cientistas. (pp. 119)

17 DIAS, op. cit., pp.117



capitania, no ano de 1798¹⁸. No mesmo ano ele ainda escreveria sobre a condição de extrema pobreza e sobre as secas nos sertões nordestinos¹⁹. Dessa vez, os objetivos da viagem eram outros, demonstrando o interesse científico e empírico do Iluminismo luso-brasileiro, no sentido de conhecer, em seus pormenores, as potencialidades naturais da colônia brasileira. Em mais um dos projetos do ministro, o vigário parte de São Luiz e deixa explícito, em carta remetida à Coroa em 19 de fevereiro de 1803, que seus objetivos eram explorar

as muitas e diversas terras salinas do continente desta Capitania do Piahy e Maranhão dos domínios de V. Alteza Real para descobrir outros muitos sais, que estavam nelles como ocultos aos chymicos, eseu uso e intresse [sic] públicos²⁰.

Partindo da capital, o padre viaja com quatro soldados²¹, figuras que permanecem anônimas nos diários e memórias, com exceção do furriel graduado João da Cruz da 5ª Companhia de Caçadores, que aparece raras vezes nos relatos. Depois de subir o Rio Muni em direção ao leste da capitania, e visitar algumas vilas durante os primeiros meses da viagem, Joaquim chega a cidade de Aldeas Altas, onde, a doze de abril de 1800 encontraria o bacharel Vicente Jorge Dias Cabral, com o qual viajaria nos próximos dois anos.

Dias Cabral esteve entre os brasileiros matriculados na Universidade de Coimbra reformada, possivelmente no final da década de 1780. Fazia parte do novo intelectual luso-brasileiro que, mesmo formado e exercendo a profissão de advogado estará a disposição da Coroa portuguesa como mais um naturalista pronto a oferecer seus serviços:

Sempre ancioso de empregar-me no serv.º de S. Mag.º segui a Carreira das Letras indo estudar na Universid.º de Coimbra; e ali me apliquei a Philosophia fazendo Formatura nesta Sciencia, como tão bem no Direito Civil, querendo facilitar o emprego, já pelo meio das Sciencias Naturaes, já pelas positivas.²²

Além de advogado há mais de dez meses na capital, Vicente era também responsável pelo Horto Botânico da cidade de São Luis do Maranhão, não mantendo-se, portanto, afastado de seus estudos naturalistas. Porém, como ele mesmo relata, sua profissão de bacharel de direito o impossibilitava de realizar as

observaçoes e experiencias sobre milhares de objectos dignos de atensão de Philosophos, principalm.º no que toca ao Reino vegetal, havendo m.ºas plantas utilissimas p.ºa as artes, que se podem empregar em tinturarias, medicina, massames de navio, e cordoarias.²³

Como se percebe, o bacharel estava envolvido na rede de informações dos funcionários da Coroa, a que se refere Angela DOMINGUES²⁴. Justamente esse acúmulo de cargos de naturalistas e ao mesmo tempo funcionário régio construiu uma rede por onde circulava informação científica no século XVIII. A importância desse projeto foge apenas a um caráter científico, ganhando relevância no conhecimento e administração dos espaços ultramarinos portugueses. Nascido em Tejuco, Minas Gerais, Vicente se torna um exemplo típico do jovem da elite brasileira que estuda em Coimbra e volta exercer suas funções em seu país. Sobre o padre Joaquim José pouco se sabe. Nasceu em Carnoza Correa, como ele mesmo relata em suas memórias, mas a própria localização da cidade é

18 PEREIRA, Joaquim José. Memória que contém a descrição e problemática da longitude e latitude do sertão da capitania geral de São Luiz do Maranhão.... .Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 20, pp. 165-169, 1904.

19 PEREIRA, Joaquim José. Memória sobre a extrema fome e triste situação em que se achava o sertão da Ribeira do Apody. RIHGB, v. 20, pp. 175-185, 1857.

20 Arquivo Histórico Ultramarino – AHU, Maranhão, Caixa 127, n. 9555.

21 AHU, Maranhão, Caixa 108, n. 8487.

22 AHU, Maranhão, Caixa 128, n. 9574.

23 AHU, Maranhão, Caixa 128, n. 9574.

24 DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE, v.8.(suplemento), 2001. pp.823-838.



uma incógnita. Ao que parece não estudou em Coimbra, recebendo sua formação naturalista provavelmente em algum seminário, que também divulgavam os saberes científicos nesse período no Brasil. No seu artigo já citado sobre a seca no sertão nordestino, o padre se tornará o primeiro a observar essa problemática e apontar para uma construção do sertão mais próxima do que se tem hoje. Desde os primeiros contatos portugueses até o século XIX, *sertão* designava toda porção de terra longe da costa. No caso brasileiro, o sertão correspondia a maior parte do território.

Os dois viajantes passam a percorrer juntos, a partir daí, as aproximadamente 500 léguas de viagem pelas duas capitanias. Visitam as freguezias de Santa Maria do Icatú, Aldeias Altas, Oeiras, Valença, Marvão, Parnaíba, Campo Maior e retornam praticamente pelo mesmo itinerário até São Luis do Maranhão, onde chegam novamente na véspera de Natal do ano de 1802²⁵. A última remessa das “diligencias incumbidas ao Bacharel (...), e ao Vigário de Valença”²⁶ – já que é provável que elas tenham sido feitas sistematicamente durante a viagem, mesmo que na documentação utilizada não apareçam – acompanhadas pelos “Diários por eles feitos em todo o tempo das suas execussoens, e nos quaes V. Ex.^a verá [uma] recapitulação geral das Memórias, discursos, produtos, e dezenhos”²⁷ foi remetida de São Luis de Maranhão, através do governador do Estado do Maranhão, D. Diogo de Souza ao Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, João Rodrigues de Sá e Melo Soto Maior, Visconde de Anadia, no dia 22 de março de 1803. O papel do governador do Estado do Maranhão torna-se relevante na medida em que faz o papel de mediador entre os naturalistas e a Coroa. Além disso, no mesmo dia 04 de setembro de 1799, quando as ordens reais chegaram ao Maranhão, D. Diogo de Souza enviou a todos que lhe era subordinados, ordens para que

prestem todo o possível auxilio e socorro que pelo Bacharel Vicente Jorge Dias Cabral lhes for requerido seja para (...) viagem que por Ordem Minha em conformidade das de Sua Magestade vai fazer pelos Sertoens deste Estado acompanhado do Vigário de Valensa o Padre Joaquim Jozé Pereira, e quatro soldados.²⁸

Além disso, o governador também é o responsável por obter as “Licenças necessarias para [o padre Joaquim] poder estar fora da sua Rezidencia decorrente o tempo que se empregar na mencionada diligencia”²⁹, em ofício mandado no mesmo dia 04 de setembro ao bispo D. Joaquim Ferreira de Carvalho. Diogo de Souza tem então suas funções divididas entre governar a capitania e colaborar com a missão científica da Coroa portuguesa nos territórios brasileiros.

O habitante do sertão sob o olhar iluminista

A escrita de diários de viagens científicas torna-se, segundo BOURGUET, uma das tarefas cotidianas, “executadas com uma minúcia repetitiva e habitual, fastidiosa, por vezes esgotante, interrompidas por momentos de perigo ou de medo.”³⁰

A notável rigidez da escrita faz com que só estejam presentes os elementos necessários ao cumprimento da tarefa científica e exploratória. No caso da viagem analisada, mesmo que sejam visitadas fazendas e vilarejos a procura de informações sobre salitre e quina do Piauí, nota-se na leitura dos diários uma ausência de referências às casas, ou às pessoas, não sendo citadas nem números totais de habitantes, como no caso da memória sobre o Maranhão, do padre Joaquim, já citada. Nesse texto, Joaquim José Pereira constrói um “Mappa Geral do sertão da capitania de S.

25 Dados retirados do Mappa Geral Itinerário, feito pelo vigário. Dentro de cada freguesia foram visitadas várias localidades, especificadas nos diários da viagem. AHU, Maranhão, Cx.127, doc. 9556.

26 AHU, Maranhão, Caixa 127, doc. 9555.

27 AHU, Maranhão, Caixa 127, doc. 9555.

28 AHU, Maranhão, Caixa 108, n. 8487.

29 AHU, Maranhão, Caixa 108, n. 8487.

30 BOURGUET, Marie Noeile. O Explorador. In. VOVELLE, M. O Homem do Iluminismo. Lisboa: Presença, 1997.



Luiz do Maranhão³¹ onde são arroladas as freguesias, sua população total e tamanho. Nos diários da viagem pelo Maranhão e Piauí enviados a Portugal em março de 1803, pode-se notar apenas referências a pessoas doentes ou nas quais se utilizou alguma das plantas medicinais da colônia como remédio, no caso a quina do Piauí – que também era objeto de interesse da viagem. Não se fala das pessoas sadias. Sobre isso, aliás, é interessante o que observa Alexandre Rodrigues Ferreira quando de passagem pelo Mato Grosso em sua conhecida expedição pela Amazônia. Segundo Maria da Fátima Costa, analisando as memórias do naturalista, “em Mato Grosso não havia possibilidade de se estar sadio”³². O relato sobre a passagem de Alexandre pela então capital da capitania, Vila Bela, demonstra o quão insalubre eram aquelas paragens e as terras sertão adentro do Brasil. A omissão da representação das pessoas torna-se uma característica marcante da viagem analisada, acompanhando os relatos científicos do final do século XVIII. Nas décadas seguintes, adentrando o século XIX, os relatos dos viajantes tendem a apresentar descrições, por vezes minuciosas, da população e seus costumes.

Em sua Memória relativa às capitanias do Piauí e Maranhão, Francisco Xavier Machado, personagem que viajou pelas províncias nos anos de 1810, dedica uma parte de seu texto, ainda que pequena, à índole e caráter da população do sertão³³. Suas observações são, majoritariamente, sobre as condições econômicas da província, seus rebanhos – inclusive com o arrolamento do número de cabeças de gado de cada freguesia – a grande escravaria que se faz presente na capitania e a notável produção de algodão do Maranhão³⁴, cuja exportação no ano de 1809 chegou ao valor de 1.630 contos de réis³⁵. Sob o título de “Caracter dos habitantes d’estes vastos sertões”, o autor deixa escrito que a índole “d’estes povos é boa, e fáceis de levar aonde necessário for”³⁶. Em contrapartida, sua educação é “má, porque não tiveram de quem herdar”. São diferenciados, na análise do viajante os “mais ricos e abundantes” dos pobres. Os primeiros vivem num sertão com “caça, cães, espingardas, cavalos, etc.”. A descrição dos pobres é mais completa:

Os pobres são sujeitos à bebida da caxaca, a pitar, e às danças e toques próprios do paiz, fáceis em cometer crimes, logo que a isso os induzam, desmazelados e preguiçosos: talvez a abundancia do paiz concorra para estes males, porque, actividade sem precisão, raras vezes se encontra³⁷

Nos últimos anos da mesma década de 1810, sob as ordens de D. Leopoldina d’Austria, foi organizada uma expedição científica para o Brasil, com a presença de inúmeros cientistas, entre os quais destacam-se os “reais naturalistas bávaros”³⁸ Johann Baptist von Spix e Carl Frederich Martius. No capítulo IV, do livro V, da “Viagem pelo Brasil”³⁹ intitulado “Viagem, através do sertão até o rio São Francisco”, os autores fazem uma minuciosa descrição da aparência, vestimentas, hábitos e costumes dos sertanejos:

O sertanejo é criatura da natureza, sem instrução, sem exigências, de costumes simples e rude. Envergonhado de si próprio e de todos que o cercam, falta-lhes o sentimento da delicadeza moral, o que já se demonstra pela

31 PEREIRA, Joaquim José. Memória ... , pp.169.

32 COSTA, Maria de Fátima. Alexandre Rodrigues Ferreira e a capitania de Mato Grosso: imagens do interior. História, Ciências, Saúde . Mangueiras, vol. VIII (suplemento), 993-1014, 2001. (pp. 1002)

33 MACHADO, Francisco Xavier. Memória Relativa às capitanias do Piauí e Maranhão. RIHGB, vol. 17, pp. 56-69, 1854. (pp. 63)

34 Sobre a produção algodoeira maranhense, ver o texto de Dauril Alden. O autor traz a análise do período final do século XVIII, a que chama “renascimento agrícola” do Brasil. ALDEN, Dauril. O período final do Brasil Colônia: 1750-1808. in. BETHELL, Leslie (org.) América Latina Colonial, vol. II. São Paulo: Editora da USP. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004. (pp. 564)

35 MACHADO, idem. pp.68.

36 MACHADO, idem. pp.63.

37 MACHADO, idem. pp.63.

38 SPIX e MARTIUS. Viagem pelo Brasil. Belo Horizonte : Ed. Itatiaia. São Paulo : Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981. (vol II) pp. 03.

39 SPIX e MARTIUS, op. cit. pp. 75.



negligência no modo de vestir; porém, é bem intencionado, prestativo, nada egoísta e de gênio pacífico. A solidão e a falta de ocupação espiritual, arrastam-no para o jogo de cartas e dados e para o amor sensual, no qual, incitado pelo seu temperamento insaciável e pelo calor do clima, gozam com requinte. O ciúme é quase a única paixão que o leva ao crime.⁴⁰

Ainda sobre as doenças e o clima, assuntos intimamente relacionados nos relatos, é interessante observar a descrição de outro viajante do sertão, Antonio Bernardino Pereira do Lago, coronel do Real Corpo de Engenheiros. Viajando pelo extremo oeste da capitania do Maranhão, nos limites com o Pará, o coronel observa a condição da Vila de Santa Helena no ano de 1820. Segundo ele, apesar do local da povoação não ser desagradável,

o excessivo calor que allí se observa (...) a superfície alagada, barrentas águas, e máo sustento de pequenos peixes, tudo isto torna S. Helena durante nove mezes em lugar só de penúria e doença⁴¹

E no período em que as águas da chuva voltam ao nível normal, deixando a mostra os corpos dos animais mortos, “ninguém escapa a sezões (...) e muitos contam a idade pelos annos em que têm estado doentes”⁴². Essa última afirmação do viajante vai de encontro ao que foi analisado por Maria de Fátima Costa nos relatos de Alexandre Rodrigues Ferreira. Em ambos os casos, a condição de habitante do sertão se imbrica com o estado de patologia de tal forma que os naturalistas, ao que parece, convivem com isso cotidianamente, já que o tema ocupa tantas páginas dos relatos. E, se a povoação de Santa Helena pode ser tomada como base, durante nove meses do ano – ou, em apenas três meses a situação é diferente – o sertão apresenta somente “penúria e doença”.

Atestando mais uma vez as condições precárias de saúde das expedições, em ofício de 22 de novembro de 1799 – portanto menos de três meses depois da partida dos viajantes –, o governador do Maranhão D. Diogo de Souza escreve ao bacharel sobre ser de seu conhecimento que a “insalubridade daquela Ribeira atacam [*sic*] toda cometiva” e que Dias Cabral “estivese tão infermo como aqui me informarão algumas testemunhas oculares”⁴³. O governador inclusive indica uma receita utilizada pelos exércitos romanos para “para aliviarem ás curruptoens internas”.

E as batalhas contra o clima parecem mesmo ser muitas, visto a recorrência do assunto. Logo no início de seu “Discurso Preliminar e Histórico sobre o clima da Capitania de Maranhão e Piauh⁴y em geral; origem das Serranias dos seus Sertoens, e Resultados Salinos das Rochas da mesma; Propriedade do seu clima para anitrificação das terras; Sobre as nitreiras artificiais, e methodo econômico de as fabricar em pequeno”, Joaquim José Pereira fala sobre as condições do clima no sertão do Maranhão e Piauí:

O ar he quente e humido, paudozo, e doentio (...) as carnes frescas se corrompem em 24 horas, e as que se goardão secas crião hum gusmo, ou moncozidade (...) os que viageam, e dormem no campo achão a ropas humidas quando as querem vestir de manhã (...) o calor he perpetu-o, os corpos estão sempre em actual traspiração sencível, e copioza.⁴⁴

Mais uma vez o clima dos trópicos é dado como impróprio para se viver, diferentemente do clima temperado europeu. O clima parece fazer com que a jornada seja dramática, longa e cansativa. As doenças do sertão atacam às comitivas exploradoras, matando em muitos casos seus integrantes, tornando-se presença certa nos relatos.

Outro tema recorrente nos diários e memórias de viagem é a questão do trabalho dos habitantes do sertão. Apesar de Francisco Xavier Machado falar sobre a boa índole dos habitantes e

40 IDEM, pp. 76.

41 LAGO, Antonio Bernardino. Itinerário da província do Maranhão por Antonio Bernardino Lago, coronel do real corpo de engenheiros começado em janeiro de 1820. RIHGB, v. 44-45, p. 385-422, 1872. pp. 394.

42 IDEM, pp.394.

43 AHU, Maranhão, Caixa 108, doc. 8487.

44 AHU, Maranhão, Cx.127, doc.9556



de serem “fáceis de levar onde necessário for”⁴⁵, Vicente Jorge Dias Cabral vai perceber a dificuldade de se recrutar mão de obra em sua viagem:

A mão d'obra aqui he muito cara quero dizer os jornaes dos trabalhadores. Não há q.^m queira trabalhar nem por bons modos nem sendo obrigados. Se algum se rezolve atura poucos dias e não mais enunca sem o interesse da comida (...). No decurso das minhas jornadas vi em todas as fazendas homens ociozos cheos de nudez e de miseria que senão rezolvião a plantar algodão p.^a vestir, e o pão para matar afome. Eu os convidava p.^a me ajudar no trabalho prometendo-lhes fartura seg.^a que o Serviço Real os livraria da recluta (do que no Certão há grande horror) não forão suficientes os meios lembrados. Em huma palavra só o trabalho a cavalo em perseguição dos gados fazem de boa vontade não sendo aturado por muito tempo outro qualquer trabalho, dizem elles he proprio dos escravos cativos.⁴⁶

O trabalho a cavalo nas fazendas como forte inclinação dos habitantes também é colocado pelo Frei Vicente Salgado, cronista da Congregação da terceira ordem do Convento de N. Senhora de Jesus de Lisboa. O frei é autor do Roteiro do Maranhão a Goiaz pela capitania do Piauí⁴⁷, escrito em 1800, no qual se lê que os moradores tem a maior felicidade e empenho para merecer algum dia o nome de vaqueiro.

Os diferentes sertões

A marcada ausência de análise dos habitantes do sertão no relato da viagem de Dias Cabral e José Pereira deriva, em grande medida, dos objetivos científicos de sua viagem. Andando pelos currais das fazendas a procura de material orgânico – que daria origem ao salitre natural, os viajantes não se dão conta do restante da paisagem a sua volta. A paisagem do sertão do Piauí não chama atenção dos viajantes: ambos brasileiros, o padre já viajara algumas vezes pela província e o bacharel, mesmo estudando em Portugal, volta os olhos sobre sua terra natal⁴⁸. O espanto com a paisagem brasileira é peça chave na percepção diferenciada das paragens visitadas. Obviamente não se pode tomar isso como regra. Mesmo dentro do bojo científico e natural de terras brasileiras, Alexandre Rodrigues Ferreira se espanta muito em suas primeiras andanças pela Amazônia. Os relatos apresentam até elementos fantásticos em um primeiro momento. Com o passar dos anos – a viagem durou uma década – os olhos do viajante acostumaram-se à paisagem e a atenção voltou à ciência.

Com os viajantes estrangeiros do século XIX que visitaram o Brasil, mudam os objetivos, mudam os olhares. O exótico da paisagem e do habitante do sertão é descrição certa nos relatos. Spix e Martius, em trecho citado, fazem uma descrição até psicológica do sertanejo. O próprio *sertanejo* pode ser rastreado. O termo para designar os habitantes do sertão não aparece nas fontes analisadas do século XVIII. Sua aparição se dá apenas no relato da viagem de Martius e Spix, em fins dos anos de 1810. Além da caracterização a respeito do local de nascimento do habitante, o termo começa a se desenhar como definindo um grupo de pessoas que partilha de uma série de hábitos e costumes e é identificado por isso. Ao longo do século XIX, com as análises dos viajantes sobre esses habitantes o termo vai se firmando pelo que é conhecido até hoje. Pode-se acompanhar essa trajetória também pelos dicionários. D. Raphael Bluteau em seu Vocabulário Portuguez e Latino, publicado em 1712, vai caracterizar *sertanejo* apenas como “cousa do sertão” sem nenhuma referência aos habitantes. Um século mais tarde, no Diccionario da Língua Portugueza de Antonio

45 MACHADO, idem, pp. 64.

46 AHU. Maranhão. Caixa 127, doc. 9555.

47 SALGADO, Vicente. Roteiro do Maranhão a Goiaz pela capitania do Piauí. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 99, 1891, pp. 60-161.

48 A questão da identidade dos viajantes é tema do trabalho já comentado de Ana Lúcia R. B. Cruz.



de Moraes Silva, o termo já aparece definido como o “que vive no sertão, ou matos interiores, e longes da costa.”⁴⁹

Essa definição de sertanejo e mesmo do sertão, não mais como qualquer território longe da costa, mas especificamente o nordestino, marcado por características idiossincráticas é também iniciada pelo próprio padre Joaquim José Pereira em outra memória produzida em suas viagens, já citada.⁵⁰

A idéia de uma “ciência dos viajantes” do século XIX é dada por Lorelai Kury. Segundo ela, “para grande parte dos naturalistas do século XIX, a multiplicidade de sensações que envolvem o naturalista em sua viagem poderia e deveria ser descrita pela ciência”⁵¹. Obviamente que a noção de sensação na ciência não é dada pelos racionais naturalistas do século XVIII. Essa diferença também faz parte da composição de um sertão diferente para cada século. Se os naturalistas que percorreram o Maranhão e o Piauí viram apenas salitre natural, doenças e o remédio, a quina, os viajantes do XIX buscam “descrever de modo exaustivo e profundo diversos elementos que compõe cada lugar. (...) É como se cada parte contivesse o todo”⁵².

49 SILVA, Antonio de Moraes. Dicionario da Língua Portuguesa recopilado dos vocábulos impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado. Lisboa : Typographia Lacerdina, 1813, e BLUTEAU, Raphael. Vocabulario Portuguez e Latino. Coimbra : Collegio das Artes da Companhia de JESU, 1712.

50 PEREIRA, Joaquim José. Memória sobre a extrema fome e triste situação em que se achava o sertão da Ribeira do Apody. RIHGB, v. 20, pp. 175-185, 1857.

51 KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol. 8 (suplemento), p. 863-880, 2001. pp.870.

52 IDEM, pp. 870.